

Maria José de Queiroz e a vivacidade das narrativas contemporâneas

Maria José de Queiroz and the Liveliness of Contemporary Narratives

Jaciane Muniz de Aguiar

Universidade Federal de Uberlândia
(UFU) | Uberlândia | MG | BR
jacionemuniz@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-4791-872X>

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos

Universidade Estadual de Montes Claros
(Unimontes) | Montes Claros | MG | BR
cassiadionisio@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7765-0701>

Resumo: Maria José de Queiroz é uma escritora mineira que começou a publicar, ainda muito jovem, ensaios críticos, romances, versos, contos e duas obras de literatura infantojuvenil; e é considerada, pela crítica conhecedora de sua produção, uma grande escritora contemporânea, especialmente pela vivacidade de suas imagens poéticas e de suas personagens – aspectos que serão apresentados neste artigo que analisa as narrativas de seu livro *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996), especificamente os cinco contos: “O Juramento”, “Velho com mulher moça”, “Iniciação ao Tratado do desespero”, “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e “A morte ao pé da letra”. Em seus enredos, a escritora realiza a elaboração de personagens femininas que resistem ou tentam resistir ao silenciamento, ao machismo e aos preconceitos sociais. A nossa investigação consiste na pesquisa de cunho bibliográfico crítico-teórico, dedutivo e analítico, fundamentando-se em discussões de autores como Maria Lúcia Barbosa (2018), Christini Roman de Lima (2021), entre outros. Esta pesquisa investigou o amor e o ódio nos contos de Maria José de Queiroz, acima mencionados, que tratam de histórias enigmáticas de suspense, simulando tramas policiais, enveredadas pela descrição das classes marginalizadas – por exemplo, as mulheres marcadas pela necessidade de pertencerem ao universo literário numa sociedade patriarcalista.

Palavras-chave: Maria José de Queiroz; *Amor cruel*, *Amor vingador*; Narrativas Contemporâneas.

Abstract: Maria José de Queiroz is a writer from Minas Gerais who began publishing critical essays, novels, verses, short stories and two works of children’s literature at a very young age. Critics familiar with her work



consider her to be a great contemporary writer, especially due to the vivacity of her poetic images and characters – aspects that will be presented in this article that analyzes the narratives of her book *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996/2021), specifically the five short stories: “O Juramento”, “Velho com mulher moça”, “Iniciação ao Tratado do esperança”, “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” and “A morte ao pé da letra”. In her plots, the writer develops female characters who resist/or try to resist silencing, sexism and social prejudices. Our research consists of critical-theoretical, deductive and analytical bibliographic research, based on discussions by authors such as Maria Lúcia Barbosa (2018), Christini Roman de Lima (2021), among others. This research investigated love and hate in the short stories by Maria José de Queiroz mentioned above, which deal with enigmatic suspense stories, simulating police plots, delving into the description of marginalized classes - for example, women marked by the need to belong to the literary universe in a patriarchal society.

Keywords: Maria José de Queiroz; Cruel Love, Avenging Love; Contemporary Narratives.

1 Introdução

Maria José de Queiroz¹ nasceu em 29 de maio de 1936, em Belo Horizonte, e faleceu em 15 de novembro de 2023, em Lagoa Santa – Minas Gerais, aos 89 anos. A escritora mineira deixou um importante legado para a história e a literatura brasileiras. Doutorou-se em Letras Neolatinas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ingressando como professora de Literatura Hispano-Americana, Brasileira e Comparada na mesma instituição.

Foi uma escritora que publicou aproximadamente 30 títulos, como poesia, conto, romance, literatura infantojuvenil e ensaios críticos, entre os quais estão *Homem de setes partidas* (1980), *Joaquina, filha de Tiradentes* (1999), *Exercício de Levitação* (1971), *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996), *O Chapéu Encantado* (1992), entre outros.

Nos contos queiroseanos, as personagens são descritas como metáfora da realidade social, denunciando de maneira crítica e irônica a violência contra as mulheres dos séculos XIX e XX, como se pode notar no fragmento a seguir, de Maria Lúcia Barbosa: “A misoginia e o feminicídio são elementos recorrentes na obra, e infelizmente são práticas que perduram no Brasil ainda hoje, com igual ou maior intensidade” (Barbosa, 2018, p. 111).

¹ Este artigo é um re[cor]te da dissertação de mestrado, defendida em 2022, no Programa de Pós-graduação em Letras Estudos Literários/PPGL/EL/UNIMONTES, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Silva Dionísio Santos.

Neste artigo, apresentamos uma leitura dos contos “O Juramento”, “Velho com mulher moça”, “Iniciação ao Tratado do desespero”, “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e “A morte ao pé da letra”, que integram a coletânea *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996), nos quais se percebe o entrelaçamento entre as dualidades do amor, do bem e do mal.

2 Reflexões literárias na obra *Amor cruel, Amor vingador*

Amor Cruel, Amor Vingador (1996)² é formado por cinco contos que podem ser lidos de forma independente, sem que haja uma ordem definida entre eles, tendo como tema central o amor e a morte. Para Maria José de Queiroz, na obra referida, quanto à classificação do seu gênero, esta *nivola*³ foge a toda classificação (pode ser apresentada como novela ou como contos). Os labirintos da trama policial são descritos a partir da lei, do comportamento dos personagens e do desembaraçar do próprio novelo diante dos interesses criados pelos personagens na narrativa.

Em “O Juramento”, temos uma *nivola*, enredo mais longo. Nas demais narrativas: “Velho com mulher moça”, “Iniciação ao Tratamento do desespero”, “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e a “A morte ao pé da letra”, temos quatro contos – histórias curtas e breves.

Com focos narrativos variando entre primeira e terceira pessoa, os cinco contos buscam, a partir da memória, a descrição dos personagens. Ao longo das narrativas, um emaranhado de angústias e de tristezas descrevendo minuciosamente os assassinatos e os suicídios de todos os personagens, conforme Barbosa (2018).

Em “O Juramento”, “Velho com mulher moça”, “Iniciação ao Tratado do desespero” e em “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro”, o foco narrativo em terceira pessoa é característica marcante na produção ficcional. “A morte ao pé da letra” é narrado em primeira pessoa, por uma professora que conta/retrata a vida de um estudante de Literatura Comparada em Sorbonne.

3 Re(contos) queiroseanos: as narrativas enigmáticas contemporâneas

Em “O Juramento”, primeiro conto da obra *Amor cruel, Amor vingador* (1996), Maria José de Queiroz apresenta um crime ocorrido contra Irene Carvalho de Guimarães, descrita como “Bem alta. Nem bonita nem feia, mais magra que gorda. Na opinião do Cândido, era uma verdadeira mãe. Para Dr. Raimundo, era ela que não prestava. Seca, arrogante. Mas, no fundo, boa pessoa” (Queiroz, 1996, p. 44), esposa de Cândido Mota Guimarães.

² Para José Antônio Orlando (2021), a nova edição de *Amor cruel, amor vingador* vem suprir uma lacuna na extensa obra poética e ficcional publicada por Maria José de Queiroz, tendo a primeira publicação pela Record na década de 1990, e a segunda edição pela Caravana Grupo Editorial de 2021. As cinco histórias, de *Amor cruel, amor vingador*, construídas através de enigmas, tramas policiais, crimes, retratam “os opostos maniqueístas que o leitor se acostumou a encontrar nos noticiários: do primeiro ao último relato, ninguém é completamente bom ou mau” (Orlando, 2021, p. 5).

³ Neologismo criado por *Unamuno* para classificar seus romances e responder, ironicamente, à crítica impiedosa (Queiroz, 1996, p. 14).

A narrativa se desenvolve a partir do momento em que Irene Guimarães percebe o interesse do enteado Raimundo pelo *chalet*, deixado pelo falecido Cândido Guimarães em testamento. Irene Guimarães avisa o delegado sobre o perigo que Dr. Raimundo lhe traria ou poderia trazer-lhe diariamente. Conforme o narrador: “Às nove em ponto, quando o porteiro anunciou o Dr. Raimundo, ambas [Irene e Ildinha] se sobressaltaram. Mas nada, no comportamento do enteado, revelava maldade nem intenção criminosa” (Queiroz, 1996, p. 22). Importante assinalar que essa última afirmativa estabelece um contraponto à expectativa da personagem Irene, uma vez que, pela perspectiva do narrador, o Raimundo nada representaria de risco à mulher. Isso, claro, pontua o tom de trama detetivesca e policial à história.

A figura de Pedroso aparece como núcleo na narrativa, um personagem que desvenda o crime contra Irene Guimarães e soluciona os enigmas. Sua presença e atuação estabelece sentido à trama policial, cumprindo o papel que lhe foi destinado, o de detetive. O detetive conversa com o inspetor e explica a necessidade da ajuda ao delegado da capital para instruí-lo no relatório.

Pedroso vai até Marilda para obter informações acerca de Dadá⁴ e descobre que ela mora na periferia do bairro São Judas Tadeu, sempre trabalhou com a família Guimarães, até que Cândido Guimarães a demite, com ordens de D. Irene. Ao saber que Dr. Raimundo estava morando sozinho em um apartamento, Dadá se oferece para ser sua faxineira. O detetive vai ao encontro de Isidro, na casa do Vale das Flores e o interroga.

Ao dialogar com Isidro, o detetive não o percebe como um assassino, e isso o atrapalha em relatório final. Isidro responde todas as perguntas de maneira clara e objetiva, com simplicidade e humildade de um simples caseiro do Vale das Flores. Segundo o narrador: “Trombudo, Pedroso deixa o barracão do Isidro. Às dez da noite, entra na pensão de D. Zita – “dona da pensão, em que Pedroso se hospedava” (Queiroz, 1996, p. 59).

No dia seguinte, Carlos Carvalho, irmão da vítima, chega à Delegacia de Nova Esperança para o depoimento, e Montalvão começa o interrogatório acerca do crime. O cadáver fora liberado pela Medicina Legal, e o interrogatório se inicia com portas fechadas.

Primeiramente, ocorre a descrição de D. Irene e as atitudes acerca do enteado. Pessoa de costumes severos, esposa exemplar e dedicada. Fizera tudo para conquistar o enteado, lembra das rixas com o marido na educação do filho. O enteado fora o constante e perturbador empecilho à felicidade do casal, afirma o personagem Carlos Carvalho em depoimento policial. Na constante fala do irmão de Irene, ele afirma que os personagens Isidro e Maria das Dores também contribuíram para vivência do casal. E ainda expõe acerca de uma carta, em que se mencionava o constante perigo por que Irene passava.

Carlos Carvalho descreve a carta que sua irmã deixara: “Irene me contou, por telefone, ter descoberto que Isidro era pai do Raimundo, o enteado. E como o rapaz se havia desentendido com ela por causa do usufruto [...]” (Queiroz, 1996, p. 75). Com o esclarecimento de Carlos Carvalho, o delegado Montalvão chega à conclusão de que os responsáveis pelo assassinato

⁴ O personagem Pedroso, “era um policial da Delegacia de Nova Esperança. Moreno, alto, chapéu na cabeça, cordão de ouro no pescoço, as unhas tratadas, anel de pedra vermelha no dedo anular” (Queiroz, 2021, p. 27). Dadá, empregada doméstica e mãe do Dr. Raimundo: “Na casa de das Dores – uma boa casa de subúrbio, com jardim, quintal -, uma moça de uns 20 anos o recebeu à porta. Era a sobrinha de Dadá. Vivia com ela desde que tina nascido [...]” (Queiroz, 2021, p. 54). Marilda, empregada de D. Irene Carvalho: “ – Pobre, mas direita a moça só aparece de quinze em quinze dias. Na fala do personagem Lucindo, “gente boa e de bons costumes” (Queiroz, 2021, p. 36).

de D. Irene seriam o caseiro Isidro e a faxineira Dadá. Os personagens Maria das Dores e Isidro matam Dona Irene em favor do filho Raimundo Guimarães, que não os conhece como pais, mas sim, como simples empregados da família Guimarães.

Nas palavras de Isidro durante o depoimento:

- Com ferramenta não: era um cano que eu ia pôr na bica d'água. Cheguei a tempo de escutar o que ela prometia fazer. Dadá pegou a bengala... e bateu com ela nas pernas de D. Irene – completa o delegado. – Senhor sim. Foi então que ela abaixou um pouco a cabeça, porque era um varapau, e eu virei o cano em cima (Queiroz, 1996, p. 81-82).

A descrição minuciosa do crime relatada por Isidro, “com camisa de riscado, calça de brim, sandália havaiana. O mesmo calcanhar sujo e rachado” (Queiroz, 1996, p. 78), na delegacia, com a presença do delegado e do detetive, mostra a frieza e a maneira como os assassinos executam o plano contra Dona Irene.

As investigações, as pistas, os depoimentos, os empregados (Ildinha, Dadá e Isidro) e Raimundo Guimarães foram os instrumentos dos quais o detetive Pedroso se utilizou para compreensão de que apenas Dadá era a culpada do crime. Pedroso não consegue enxergar que Isidro seria capaz de matar D. Irene. A simplicidade e a humildade do caseiro atrapalharam a conclusão do relatório do detetive: “Pedroso passa a ter ódio de si mesmo. Como é que aquele patife o enganara desse jeito? O timbre de cordeiro de Isidro – Isidro de Jesus –, ah! Maldito!” (Queiroz, 1996, p. 80).

O relatório foi finalizado pelo delegado Montalvão e Pedroso conclui a narrativa com a seguinte afirmação: “– Enfim! Vamos terminar o relatório? – Dou a mão à palmatória, Dr. Montalvão: não recolhi provas que incriminassem o Dr. Raimundo Guimarães” (Queiroz, 1996, p. 92). Ainda segundo o detetive, com ou sem filosofia, Isidro é o único indiciado que poderá passar a réu. No final do conto, Pedroso avisa ao delegado Dr. Montalvão: “Chame o inspetor. A datilografia fica por conta dele. E vamos cuidar do Zeca PF. – Fico com o caso, Dr. Montalvão” (Queiroz, 1996, p. 93).

As cenas do conto evidenciam os paradoxos de suspenses que, no final da narrativa, revelam os verdadeiros culpados. A trama policial se introduz a partir do comportamento da vítima e dos culpados, apresentando, assim, um amor vingativo. O amor doentio foi capaz de transfigurar os amantes em assassinos, levando alguns personagens à morte. Isidro e Maria das Dores tentam proteger Raimundo Guimarães da pobreza e do sofrimento social, e de uma única vez acabam com a própria vida. O primeiro respondera na justiça pelo crime, e Dadá morre.

O amor de Maria das Dores e Isidro pelo filho Raimundo Guimarães transformou-se em ódio pela personagem Irene Guimarães (pelo dinheiro deixado por Cândido Guimarães).

Em “Velho com mulher moça”, temos uma narrativa que se baseia em adultério, traição familiar, oposição entre velhice e mocidade, polícia, delegacia, capa (vestimenta); expressões que participam de um campo semântico que nos faz entrelaçar em enigmas de amor e de ódio.

Antônio Palmerim é um rapaz que vai embora de sua cidade, buscando melhores condições de vida. No decorrer da história, o rapaz chega até à casa de Raimundo e Elza, consegue abrigo por uma noite, jantar e um lugar para dormir.

À noite, ao repousar, Antônio percebe algo estranho: alguém planejando um assassinato. O rapaz foge do lugar de descanso e, depois, ouve relatos da morte de Raimundo, e o próprio Antônio é citado como suspeito do crime ocorrido.

Antônio vai à delegacia para prestar depoimento: “uma casa pequena, com guarda na porta. Acho que era guarda. Abri a porta e a janela da sala, onde havia uma mesa, duas cadeiras e uma estante de livros” (Queiroz, 1996, p. 104). O delegado pega uma folha de papel branco na gaveta e começa a escrever. Escrito e lido em voz alta e assinado por Antônio o seu próprio depoimento. Assim: “O guarda me acompanhou até a fazenda Olho d’Água para confirmar se eu trabalhava ali mesmo. Deu prazo ao patrão para fazer os meus papéis” (Queiroz, 1996, p. 105).

O delegado convoca Antônio Palmerim, D. Elza e Eleutério (amante de Elza) para um novo depoimento, a partir do qual encontrariam o verdadeiro culpado. Nas palavras do narrador: “Uma semana depois, a polícia vinha à fazenda Olho d’Água para me buscar. Nova acareação? – É e não é – respondeu o homem que eu pensava que fosse o guarda da cadeia [...]” (Queiroz, 1996, p. 108).

Não houve apenas um assassinato neste conto, mas sim, dois. A morte do militar (Raimundo Filho), filho de Raimundo Rodrigues e a própria morte de Raimundo. Assim: “Não foi fácil reconhecer a capa. O guarda abriu aquela sujeira do lado de fora da delegacia, à vista de quem passava. Juntou gente na calçada” (Queiroz, 1996, p. 110). O pedaço de capa, “roída de verme e outras imundícies, encharcada de água e de sangue, largando os pedaços, parecia coisa do além, fantasma” (Queiroz, 1996, p. 110), peça fundamental para desvendar o verdadeiro culpado do crime de Raimundo Rodrigues.

Na fala de Antônio Palmerim: “Aquela capa já tinha dois donos, um assassino e um morto. Os donos e os botões dobravam. Olhei, comparei, esfreguei o pano [...]” (Queiroz, 1996, p. 112).

Raimundo Filho apaixona-se por Elza Faria de Moura, esposa do seu pai. Ao descobrir o adultério da esposa, o Sr. Raimundo mata o próprio filho e o enterra no quintal. Eleutério e Elza são amantes. Ambos matam o Sr. Raimundo Rodrigues. Conforme o narrador: “O pai (Raimundo Rodrigues) descobre a traição. Mata o filho. Ameaça a moça com a divulgação do adultério e com cadeia. Sabendo-a grávida, obriga-a a abortar [...]” (Queiroz, 1996, p. 114).

O crime é desvendado e Antônio não é considerado culpado, pelo fato de ter em mãos um pedaço de uma capa. Segundo Antônio se referindo ao delegado: “O senhor vai compará-los com os outros e mais o tecido da barra com o tecido do punho. Diga-me, depois, se são iguais: os botões e as duas amostras do punho” (Queiroz, 1996, p. 112). O pedaço da capa caracteriza-se como a prova, evidenciando o principal culpado pelo crime.

No final da narrativa, Eleutério confessa ser o assassino do Sr. Raimundo. Segundo o narrador, Elza acompanhou a polícia até o retiro para exumação de Raimundo Filho. Eleutério foi preso, Antônio continuou trabalhando na Fazenda Olho d’Água e contribuiu, significativamente, para o desvendamento da tragédia. “A sepultura floria em hortênsias. Ao terminar a exumação, o delegado encontrou, entre os ossos, um pedaço de tecido pobre com dois botões de metal. Outro punho da capa?” (Queiroz, 1996, p. 114).

A articulação entre diferentes épocas e ambientes na memória dos narradores e a maneira como essas representações acontecem nas narrativas entre o comum e o particular,

entre a recolha das experiências e também do desejado é o que irá engendrar os textos de Maria José de Queiroz. Para tal, a autora utiliza, às vezes, um vocabulário consoante com o sujeito e o espaço a ser representado (Barbosa, 2018). É o que observamos, por exemplo, no conto “Velho com mulher moça”: a memória e as histórias como elementos desencadeadores de um enredo repleto de fatos interligados à realidade social.

“Iniciação ao Tratado do desespero”, difere-se dos demais contos, porque não aborda um caso de crime e sua elucidação, mas um suicídio. “A perspectiva abrange um ‘triângulo afetivo’ formado por dois rapazes e a narradora do conto: Aluísio, Cláudio e Ruth” (Lima, 2021, p. 267).

Num sábado à tarde, os três amigos, se reúnem na biblioteca da escola, no vigésimo andar do prédio. Os amigos fizeram fichário dos livros de Sartre⁵ e de Gabriel Marcel⁶. Ainda completaram com as leituras de Santo Agostinho a Pascal e de Pascal a Kierkegaard, que estabelecem ligação direta do Existencialismo com uma ficção improvisada por sofistas gerais. Eles vão da filosofia à música, à sinfonia de Beethoven e às alusões da norma mineira. Assim: “[...] despertavam-me os dois com uma serenata improvisada. Cantavam a Marselhesa à porta da minha casa. Marcavam com os pés, em compasso, o ritmo da marcha” (Queiroz, 1996, p. 118).

O personagem Aluísio foi para São Paulo, após receber convite para ministrar Física no ITA. Cláudio casa-se, no mesmo ano, com Rosalva Nunes Sampaio, uma colega dos três amigos e se inscreve como estagiário no grupo de trabalho do projeto Radam. Ruth obteve notícias da morte de Cláudio, por geólogo da Bahia, Diretor do Departamento de Aerofotogrametria do projeto Radam. O geólogo conversa com Ruth: “Não soubera da sua morte? Há sete anos, ou mais. Indaguei pela família. Rosalva continuava a viver em Belém. Pedi-lhe que me mandasse seu endereço [...]” (Queiroz, 1996, p. 118).

A narradora afirma: “Foi quando, numa quinta-feira da Semana Santa, apareceu à porta da casa, num bercinho humilde, um recém-nascido [...]” Na segunda-feira, ao sair para falar ao juiz de menores, Tia Rosalva despediu-se de Cláudio na esquina da praça (Queiroz, 1996, p. 120).

Cláudio, por não poder ter filhos, não suporta a ideia de a esposa adotar uma criança de outra pessoa. Ou seja: “Tia Rosalva lhe propusera adotar uma criança. Ele, agressivo, recusava-se terminantemente a aceder-lhe ao desejo. Nunca daria o próprio nome a filho que não fosse seu, seu mesmo, de sangue, [...]” (Queiroz, 1996, p. 120).

Cláudio estava doente, sofria de depressão. Após a morte de Cláudio, “tia adotou uma criança: uma menina, que tem, por sinal, o seu nome: Ruth” (Queiroz, 1996, p. 121). Assim: “Os filhos, mesmo que indesejados, repetiam os nomes dos amigos de outrora, mas o ‘triângulo afetivo’ jamais se restituiu” (Lima, 2021, p. 267). Maria Rita informa Ruth que sua tia Rosalva também não estava bem de saúde. Estava esquisita e alheia a tudo e a todos. Para Rita: “O tio

⁵ Filósofo existencialista e íntimo de Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre nasceu em 21 de junho de 1905. O escritor francês, estudante da *École Normale Supérieure*, foi autor das obras: *O Ser e o Nada* (1943) e *A Transcendência do Ego* (1936). Seu interesse por filosofia e o começo de sua jornada com o existencialismo, deu-se pelo seu contato com o estudo sistemático da fenomenologia de Edmund Husserl. Antes de publicar sua obra mais célebre, *O ser e o nada*, a direção de seus estudos era voltada a críticas à fenomenologia husserliana. O objetivo de Sartre era tirar o idealismo e a subjetividade de Husserl, trazendo suas ideias para a ação (Nogueira, 2024, p. 1).

⁶ Gabriel Marcel (nascido em 7 de dezembro de 1889, Paris, França – falecido em 8 de outubro de 1973, Paris) foi um filósofo, dramaturgo e crítico francês associado aos movimentos fenomenológico e existencialista da filosofia europeia do século XX. Sua obra e estilo são frequentemente caracterizados como teístas ou existencialistas cristãos (um termo que Marcel não gostava, preferindo a descrição mais neutra “neosocrático” porque captura a natureza dialógica, investigativa e às vezes incipiente de suas reflexões) (Sweetman, 2025, p. 1).

Cláudio era um fraco. E incapaz de enfrentar as vicissitudes por que passam todas as famílias” (Queiroz, 1996, p. 121).

Ao receber a carta, Ruth busca compreender as mutações da alma e os estágios mentais pelos quais seu amigo passara. A exposição às fases da vida, a criança, o adolescente e a juventude: “Da infância à idade adulta, sem falar dos pais e da família. A adolescência e a primeira juventude nada mais são do que estágios de especulação” (Queiroz, 1996, p. 121).

No final do conto “Iniciação ao Tratado do desespero”, a narradora em terceira pessoa afirma que: “Cláudio não era o mesmo, que a conhecia há dezoito anos, acomoda-se a um curioso congresso de coincidências de que, à revelia do verossímil, Aluísio e eu participamos [...]” (Queiroz, 1996, p. 122).

Então, o conto mostra que estamos rodeados de suposições infundadas. Cláudio não era fraco, mas sim, sofria de desequilíbrios humanos e transtornos emocionais que afetavam totalmente sua convivência familiar.

Neste conto, Queiroz aponta para uma relação de entendimento do próximo, transtornos pelos quais o personagem Cláudio passara e introduz a complexidade do ser humano em lidar com o próximo. A religiosidade presente no enredo configura-se como tradição histórica de uma sociedade, pode-se dizer, mineira. É uma autora que busca compreender o estado psíquico humano a partir da junção entre filosofia, música e senso comum.

Para Barbosa (2018), reflexões do filósofo são as que, por diferentes meios e diferentes processos, a história escreveria o que aconteceu, observando única e exclusivamente os fatos, enquanto, a literatura se encarregaria de relatar o que poderia ter acontecido, o verossímil. Temos, no conto, a relação entre literatura e filosofia, e entre palavras-chave: amor, ódio, distúrbio mental e amizade.

“Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” é uma história que retrata uma mulher de família tradicional, rica, filha do Coronel Pires de Barros e D. Emiliana Barroso, do Alto-Paraíba. O narrador afirma que Ritinha era conhecida como Ritinha-Miséria, mulher de muito dinheiro, que nunca trabalhara e filha do maior Coronel do Alto-Paraíba: “Tivera educação caprichada. Interna num colégio de freiras, em Petrópolis, tinha aprendido a tocar piano, a bordar e costurar. [...]” (Queiroz, 1996, p. 124).

Percebe-se uma personagem que oscila entre ser, ora uma mulher bem-educada, que sabia latim e grego, ora uma simples beata: desmazelou-se no vestir, nos dentes, comia o que as pessoas davam e vivia da caridade dos padres [...]. “De capela em capela fazia suas orações. Ficava mais tempo diante da imagem de Santo Antônio, cujo altar ela floria, de alto a baixo, todas as terças-feiras” (Queiroz, 1996, p. 125). A religiosidade de Ritinha ressurgiu e renasceu cada vez mais, uma vez que ela pede durante suas orações, especificamente a Santo Antônio, um namorado. Sendo assim: “Voltava ao meio-dia para o *Angelus* e à noite para a bênção e para a reza. De capela em capela fazia suas orações [...]” (Queiroz, 1996, p. 125).

A religiosidade é um registro de devoção e, no caso de Ritinha, configura-se como uma beatice, pelo fato de a moça estar obcecada pela busca de um relacionamento amoroso e nenhum rapaz do Alto-Paraíba se interessar por ela. Ritinha intercede a Santo Antônio – santo casamenteiro, ao qual milhares de fiéis que desejam um namoro/casamento clamam como forma que encontrem o amor de suas vidas. Os rapazes do bar do Zico e do armazém do João Fernandes brincavam com os sentimentos dela. Nenhum rapaz queria namorá-la. Com o desprezo dos rapazes que residiam naquela cidade, Ritinha acaba se desmotivando cotidianamente e deixando a sujeira e o mal cheiro tomarem conta de si.

A personagem Ritinha transfigura dia a dia sua personalidade. Sua atitude em prol de buscar um namorado virou chacota entre as pessoas. A sociedade doava-lhe alimentos, mas tinha receio dela. Ritinha viveu uma exclusão social, uma vez que, tanto homens quanto mulheres, não a estavam suportavam. “Dona Gabriela, por exemplo, servia-se de qualquer moleque para a entrega da encomenda. E mandava dizer que vinha de velha amiga do coronel” (Queiroz, 1996, p. 126).

Mesmo sendo uma mulher muito enriquecida financeiramente, jamais poderia tocar na sua própria herança. Em São Paulo tinha um procurador que mandava dinheiro à Ritinha por meio do padre, que era responsável por sua alimentação, e também tinha a sacristã dona Joana para realizar, todas as terças-feiras, a limpeza de sua casa. “[...] no natal, padre Virgílio lhe mandava um bom pedaço de lombo assado. Não se animava, e lá tinha suas razões, a convidá-la a participar da ceia festiva da paróquia” (Queiroz, 1996, p. 126). Neste fragmento, verifica-se que, pelo fato de ser mulher, Ritinha não pode tomar conta da sua própria fortuna. Era preciso que o padre tomasse conta de seus recursos financeiros. Nesse sentido, revela-se uma crítica social da autora às leis que restringiam a gestão da herança a homens – o que só foi modificado, no Brasil, a partir da lei do divórcio e da Constituição de 1988.

A escritora Maria José de Queiroz, através da personagem Ritinha, descreve como as mulheres daquela época viviam. Possuíam posses, no entanto, lhes eram negados o direito e o acesso ao dinheiro, à gestão de seus bens. A mulher, como ser submisso, precisava de uma figura masculina para inserir-se socialmente e desenvolver suas condições femininas. Ritinha era virgem e nunca namorara, passando a ser uma “solteirona” – termo pejorativo utilizado para se referir às mulheres que teriam passado da idade ideal para se casarem. Torna-se tão infeliz, mal-amada e triste, que não consegue arrumar alguém para acompanhá-la. “[...] o aspecto de Ritinha causava nojo. Escanzelada, desdentada, catinguenta, não era bem-vinda a nenhuma casa” (Queiroz, 1996, p. 126).

Observa-se que o conto é narrado em terceira pessoa, por dois narradores homodiegéticos. A intriga concentra-se em uma conversa sobre a morte de um carvoeiro pelas mãos de Ritinha, a Ritinha-Miséria. Expedito, o barbeiro da cidade, fala com Miguel Costa sobre o assassinato – conforme discute Christini Roman de Lima, em “A Ficção de crime em *Amor cruel, amor vingador*, de Maria José de Queiroz” (2021). Expedito busca convencer o cliente de que o crime fora cometido porque o homem tentara roubar Ritinha. Miguel Costa, de barba feita, toma a palavra e expõe a sua versão sobre o crime: “[...] você só é mesmo expedito na navalha. Crime é comigo, barbeiro! Conto-lhe, agora, o que, de fato, ocorreu e como” (Queiroz, 1996, p. 128).

Ritinha é descrita no conto como uma mulher que se transfigura enquanto pessoa, antes, educada, estudada, rica, mas que, por não ter a presença masculina, torna-se reprimida, omissa e sem condições de cuidar de si mesma. Maria José de Queiroz nos mostra as mazelas sociais e os estigmas vivenciados por mulheres que possuíam características consideradas atípicas para uma época, por exemplo, não conseguir realizar seus objetivos pessoais, financeiros e sexuais.

Um dia, um carvoeiro, ex-caixeiro, sem dinheiro para pagar as meninas da Margot do *Rendez-vous* (prostitutas) tem relação sexual com Ritinha: “No sobrado, caro Sherlock, cozinha-se com lenha. O de que você não cogitou. Agora, aprenda: sábado não é distribuída às terças, de manhã. Justamente o dia consagrado a Santo Antônio, dia em que a beata fica na igreja [...]” (Queiroz, 1996, p. 129 - 130).

O carvoeiro entra na casa de Ritinha-Chiquê. Satisfeita a urgência da carne, aborrecia-se na companhia da moça velha e sem encantos. Insistiu em deixá-la. Assim: “Quis provar de perto se as coxas da beata, bem abertas, podiam agasalhá-lo. Mas Ritinha não se contentou em abri-las apenas uma vez, duas, três [...]” (Queiroz, 1996, p. 131). O Carvoeiro, ao realizar seus prazeres carnavais, não vendo encantos fisicamente em Ritinha, abandona-a. A personagem obtém a tomada de consciência e loucura, e não admite ser deixada pelo Carvoeiro. “Ela matou-o. O seu primeiro e único homem! Quando chegamos, ajoelhada diante do cadáver, os olhos fixos no seu ventre, Ritinha aflagava-lhe com as mãos o sexo inerte. Écce homo” (Queiroz, 1996, p. 131). Ao final da narrativa, é considerada a assassina do carvoeiro. Nas palavras do narrador: “Na sua loucura mansa, de noiva insatisfeita, ela somente diz, agora, MAIS, MAIS, Mais, Mais, mais, -ais, --is, ----s, ----, ...” (Queiroz, 1996, p. 131). Ritinha-Chiquê perde a virgindade, permanece na solidão, realiza os prazeres carnavais e continua na solidão social.

Ritinha-Chiquê, uma mulher de família tradicional, circunscrita a um contexto misógino e patriarcal, que julga a mulher a partir de sua condição de casada ou de solteira, acaba tornando-se assassina do homem. Vemos, durante o enredo, a idealização de um amor por Ritinha-Chiquê, que não foi correspondido pelo carvoeiro. A morte foi a única forma de tê-lo como verdadeiro e fiel companheiro.

“A morte ao pé da letra”, narrado em primeira pessoa por uma professora do Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade Sorbonne, aborda a relação mantida entre essa narradora e um jovem pesquisador, Pierre Mouzon, a quem ela orientara no período e que, anos mais tarde, acabara cometendo uma atrocidade. “A professora destaca que a relação de amizade e orientação se manteve mesmo depois de o jovem ter concluído seu doutorado, de estar estabelecido e, também, de ela ter retornado ao Brasil” (Lima, 2021, p. 267).

Acadêmico de Literatura Comparada, Pierre desenvolve uma monografia acerca das incursões de Duguay-Trouin nas águas da América meridional. “O rapaz encalhara a meio caminho da França Antártica, com uma vasta bibliografia sobre piratas, invasões e canibais” (Queiroz, 1996, p. 133).

Nas palavras da narradora, Pierre buscava muitos dados supérfluos para sua pesquisa e cabia à orientadora selecionar aquilo que seria mais importante durante a pesquisa. Assim: “Travamos batalhas formidáveis. Ele insistia em arrolar dados encontrados em livros que já não fazem fé. Dizia-me, consternado, que aquelas notas—importantíssimas!!!” (Queiroz, 1996, p. 133). De volta ao Brasil, as cartas de Pierre mostravam a grandiosidade das suas constantes pesquisas acerca da tese sobre Luís XV, novamente pedia ajuda e contribuições da professora.

Pierre, já doutor, é nomeado para a cadeira da província e dedica-se à sua maior paixão: o teatro clássico. Começou a escrever uma nova versão da Antígona de Sófocles.⁷ Sua professora ainda continua a ajudá-lo e é leitora da sua peça teatral: “Tenho, aqui, duas prateleiras

⁷ Antígona de *Sófocles*, título da versão de Brecht, foi escrita em 1948, em contexto histórico semelhante ao de Anouilh. Os autores compartilham as mazelas decorrentes das duas guerras mundiais que marcaram profundamente o início do séc. XX. A peça de Brecht foi estruturalmente concebida no modelo ático com a proposta de transformar o presente pelo passado. Para o próprio Brecht (2005), a grande transformação de sua proposta estaria antes na encenação, em experimentar uma nova forma de representação em uma peça antiga. Ele executa com maestria em sua Antígona todas as concepções do seu teatro épico, conscientizador e pedagógico. Com um contundente teor político, o texto atualiza o embate entre Creonte e Antígona para o embate entre as ações imperialistas dos governos fascistas e as ações de resistência dos cidadãos conscientizados (Guimarães, 2008, p. 13).

com as inúmeras versões da sua tragédia. Às vezes, ele liga pedindo algumas correspondências, por não localizar no micro” (Queiroz, 1996, p. 134). Ocorrendo algum imprevisto no envio das cartas pelo correio, Pierre logo entrava em desespero e culpava simplesmente o Brasil.

A ficção de Pierre resulta num desenvolvimento patético e trágico, com uma trama policial e suspeitos pela morte de suas personagens. Vê-se, na narrativa: “A condenação de Antígona, Hemom mata o pai, Creonte. Sua mãe, desesperada, sucumbe à notícia da morte do rei e marido, assassinado pelo próprio filho” (Queiroz, 1996, p. 136). Pierre apaixona-se por uma moça de origem árabe, e seu pai desaprova a escolha do filho. Assim: “Eliminando-o do testamento, inconformado, ele passara a escrever-lhe cartas injuriosas, chamando-o pai desalmado, prepotente, racista” (Queiroz, 1996, p. 137). *Monsieur Mouzon* acabou sofrendo um infarto. E o médico que fizera a autópsia levantara dúvidas. O narrador expõe que: “O comissário, atento, agarra-se ao indício, sujeito ainda a exames complementares, convertendo-o em suspeita de homicídio” (Queiroz, 1996, p. 137). *Madame Denis*, mãe de Pierre tenta inocentar o filho. Após o *réveillon*, a filha do casal viria passar uns dias para companhia ao “*cher mari*”.

Pierre, que era filho amoroso e bem-amado, entra em depressão, e, no dia 31 de dezembro, sai para visitar a namorada: “Nada se apurou sobre o encontro. Provou-se, porém, que a moça sofrera tortura e fora morta a golpes de punhal. Cometido o crime, o assassino abria os pulsos e esvaíra-se em sangue até expirar [...]” (Queiroz, 1996, p. 137).

O inquérito policial sobre a morte continuava em curso, mas com indagações a serem resolvidas, principalmente, sobre quem seria o verdadeiro culpado: “Um rapaz tão inteligente! Que destino!” (Queiroz, 1996, p. 138). Termina a carta da tia acerca dos escritos do próprio Pierre, e, como toda história, os enigmas policiais não foram desvendados. “Mas entre uma e outra tragédia, quanto papel! Quanta sanha imaginária! É hora de enterrar os gregos” (Queiroz, 1996, p. 139).

Meses depois, a professora recebeu uma carta com a notícia da tragédia ocorrida com Pierre e sua família: o pai morrera, suspeitando-se homicídio, e, pouco depois, o jovem matara a namorada e se suicidara (Lima, 2021). “A representação literária, lida para a narradora, tornou-se *script* do ato final premeditado por Pierre” (Lima, 2021, p. 267).

A metaficção é desencadeada a partir da construção da tragédia criada por Pierre. Observa-se que o personagem desenvolve, dentro da narrativa de Queiroz, uma nova história. É relatada a morte do pai, da namorada de Pierre e do próprio Pierre.

Percebe-se que o título do conto “A morte ao pé da letra” é uma expressão utilizada metaforicamente, uma linguagem que permeia a língua francesa, a língua inglesa, intercalada com a linguagem portuguesa. Utiliza, a escritora, neste conto, e nos demais, de gírias e de expressões idiomáticas no sentido conotativo.

É possível perceber ainda que a autora assume um compromisso com os que foram esquecidos pela História. Ao delimitar o espaço da memória por intermédio das recordações do passado, a noção de pertencimento passa a ser, das personagens e do leitor que não viveu tais acontecimentos (Queiroz, 1996, p. 75).

Os labirintos da trama policial vão surgindo nas narrativas como forma de apuração dos fatos e condenação dos culpados. Os suspenses desencadeados na ficção de Maria José de Queiroz nos possibilitam penetrar em um universo de movimentação entre o real e o ficcional. A figuração do delegado e do detetive representa a tentativa de desconstrução de labirintos, a descoberta da identidade dos criminosos e das principais consequências e fatores da morte das vítimas presentes nos cinco contos do livro *Amor cruel, Amor vingador* (1996).

Em relação aos personagens das cinco narrativas – “O Juramento”, “Velho com mulher moça”, “Iniciação ao Tratado do desespero”, “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e “A morte ao pé da letra” –, a crise, em um emaranhado de versões do amor, leva-os a uma trama de dualidades entre o bem e o mal. Nas palavras da escritora Maria José de Queiroz, o amor aparece como vítima das fraquezas humanas e resulta em crueldade, egoísmo, cobiça, cupidez e orgulho.

Os enigmas emblemáticos das narrativas possibilitam a reflexão sobre as maldades não apenas vivenciadas entre os séculos XIX e XX (representados nas narrativas), mas na História, uma vez que as classes marginalizadas, nos diversos contextos, sempre sofrem perversos maltratos, desumanidades, torturas, repressão, apagamento, simplesmente pela condição de serem mulheres, escravos, negros, entre outros.

Nos contos, Queiroz apresenta o “amor” como temática principal e representa o quanto esse sentimento, excessivo e possessivo, pode levar à infelicidade das personagens, à morte, como maneira de realização dos possíveis desejos. A ascensão social que a personagem feminina Dadá queria oportunizar ao seu filho Raimundo, a partir do cometimento do crime contra Irene Guimarães é um exemplo.

O adultério e traição em “Velho com mulher moça”, cometido pela personagem Elza com Raimundo Filho, resultou em duas mortes ao final da trama, de Raimundo Rodrigues e de Raimundo Filho. O amante de Elza, Eleutério, a ajuda durante a execução do crime de Raimundo Rodrigues. A resistência de Cláudio, ao ver que a esposa Rosalva queria adotar uma criança, levou-o ao próprio suicídio. A religiosidade presente neste conto e as fraquezas humanas o tornam depressivo, angustiado e incapaz de entender/compreender seus sentimentos.

Em Ritinha-Chiquê, há a presença de uma mulher que depende das realizações dos prazeres carnais, da religiosidade, das tradições culturais de uma sociedade religiosa e dotada de crenças para se realizar como pessoa. A personagem do conto adentra e, ao mesmo tempo, contradiz as imposições sociais, porém, permanece solitária e culpada por ter cometido um crime contra o carvoeiro. Na descrição do amor em “A morte ao pé da letra”, a morte surge como alternativa aos males humanos.

Os contos de Maria José de Queiroz estão envoltos, portanto, em assassinatos – ou suicídios –, mas apenas as duas primeiras histórias, “O juramento” e “Velho com mulher moça”, podem ser aproximadas da literatura policial, uma vez que apresentam aspectos próprios ao gênero, tais como a figura do detetive e o mistério circunscrito ao crime e a sua resolução. As demais tramas “Iniciação ao Tratado do desespero”, “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e “A morte ao pé da letra” enquadram na categoria mais ampla da ficção de crime, conforme considerações de Christini Roman de Lima (2021).

As qualidades estéticas e literárias das narrativas marcadas por vivacidade desta escritora lúcida e perspicaz, a Maria José de Queiroz, – brevemente apontadas neste trabalho – são estruturadas a partir de sua liberdade individual, da “experiência intelectual, partícipe das crônicas históricas, e que não podem ser rasuradas, que estão insufladas de memórias coletivas que têm por objetivo resgatar e desnudar eventos e personagens esquecidos da História oficial” (Barbosa, 2018, p. 144).

4 À guisa de conclusão

Os personagens de Maria José de Queiroz são descritos a partir de acontecimentos da realidade social de uma época. Por meio da ficção, os personagens amam e cometem atos violentos (chegando aos homicídios), simplesmente pelo dinheiro e pelo *status* social, impostos pela sociedade patriarcal.

Observa-se que as mulheres, em todos os contos, mesmo oprimidas, possuem um avanço gradativo: são do lar [outras não], solteiras [obcecadas pelo sexo], casadas [cometem adultério], trabalham, pesquisadoras. Poder-se-ia analisá-las/entendê-las como uma metáfora da ascensão feminina na história geral, de forma mais específica, na historiografia literária.

O amor e a morte impõem uma forma de vida e trazem relatos que envolvem as cinco tramas (“O Juramento”; “Velho com mulher moça”; “Iniciação ao tratado do desespero”; “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e “A morte ao pé da letra”). Os personagens amam e morrem por amor. Um enredo baseado no amor, mas, ao mesmo tempo, se transforma em ódio/vingança. As cenas dos contos descrevem minuciosamente as dualidades entre o bem e o mal e mostram o final trágico das histórias pelo abismo da vingança, do orgulho, da cobiça, da crueldade e de suicídios.

Dedicatória

À memória da querida Maria José de Queiroz, escritora de grande importância para a literatura brasileira.

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras Estudos Literários – PPGL/Unimontes, pelo apoio e pelo incentivo.

À Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, que possibilitou esta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da Bolsa de estudo no mestrado.

Referências

BARBOSA, Maria Lúcia. *História e memória na ficção de Maria José de Queiroz*. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-B45FCZ>. Acesso em: 30 jun. 2020.

GUIMARÃES, Rita de Cássia Passos. *Antígona em três tempos: uma interpretação do original clássico e duas versões do século XX*. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <http://>

www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-84768/antigona-em-tres-tempos--uma-interpretacao-do-original-classico-e-de-duas-versoes-do-seculo-xx. Acesso em: 08 ago. 2020.

LIMA, Christini Roman de. A Ficção de crime em *Amor cruel, amor vingador*, de Maria José de Queiroz. *Rev. Bra. Lit. Comp.*, Porto Alegre, v. 23, n. 44, p. 265-269, set.-dez., 2021. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/718/922>. Acesso em: 25 set. 2022.

ORLANDO, José Antônio. 'Amor cruel, amor vingador' é para fãs de requinte e boas histórias. *Estado de Minas Cultura*. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/10/16/interna_cultura,1314254/amorcruel-amor-vingador-e-para-fas-de-requinte-e-boas-historias.shtml. Acesso em: 15 fev. 2025.

QUEIROZ, Maria José. *Amor Cruel, Amor Vingador*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SOUTO, Astral. *Nascimento de Jean-Paul Sartre*. Editoria: Hoje na História. 2024. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/170468>. Acesso em: 28 de abr. 2025.

SWEETMAN, Brendan. *Gabriel Marcel – filósofo e autor francês*. Filosofia e Religião. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Gabriel-Honore-Marcel>. Acesso em: 28 de abr. 2025.